

O USO DE SIMULAÇÕES NO CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA BELAS ARTES

Dra. Tamyá Rocha Rebelo¹

RESUMO

O artigo tem o objetivo de apresentar as experiências e percepções dos alunos do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Belas Artes com exercícios de simulação. Para tanto, um questionário foi distribuído e 27 respostas foram analisadas qualitativamente. A pesquisa revelou que grande parte dos estudantes possui uma impressão positiva com relação aos ganhos obtidos com o uso dessa ferramenta de ensino. Em particular, eles acreditam que as simulações os ajudam não apenas a compreender conceitos abstratos, mas também a conectá-los com eventos, processos e atores internacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Simulação. Aprendizado Ativo. Relações Internacionais.

ABSTRACT

The article aims to discuss the experiences and perceptions of students from the course of International Relations of the Centro Universitário Belas Artes de São Paulo with simulation exercises. Regarding the data collection, a survey questionnaire was distributed, and a total of 27 responses were quantitatively analyzed. The research shows that the majority of the students had a positive impression toward using simulation in the course of International Relations. In particular, they state that simulations have helped them not only to have a better understanding of abstract concepts but also of international events, processes and actors.

KEYWORDS: Simulation. Active Learning. International Relations.

INTRODUÇÃO

O curso de Relações Internacionais é relativamente novo no Brasil, tendo despertado atenção de boa parte das universidades, públicas e privadas, a partir dos anos 2000. O surgimento desta área, contudo, remonta ao período posterior à Primeira Guerra Mundial, a partir de um interesse específico na compreensão das causas desta guerra e nas ações a serem tomadas pelos Estados para impedir a recorrência de conflitos similares. Como resultado, a essência da disciplina foi atrelada à esfera “internacional”, abrangendo predominantemente as

¹ Doutora em Relações Internacionais pela Universidade de São Paulo (USP) e professora do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

interações entre atores estatais para além das fronteiras territoriais. O que outorgou especificidade à formação do profissional desta área, naquele momento, foi a busca pela compreensão dos determinantes, objetivos e recursos dos países de modo que previsões pudessem ser apresentadas sobre as políticas estatais.

A partir da década de 1990, com o final da Guerra Fria, o estudo centrado nas relações entre os Estados passou a ser fortemente questionado por não incorporar objetos e dinâmicas importantes para uma compreensão satisfatória do ambiente internacional. A disciplina tinha sido concebida inicialmente para analisar ações governamentais, tendo o Estado como o ator central. Contudo, diversos atores (organizações internacionais, empresas transnacionais, governos subnacionais e indivíduos) passaram a desenvolver estratégias próprias com efeito em níveis doméstico e internacional, tornando-se objetos de estudo válidos da disciplina de RI. A reestruturação da política mundial, bem como os desdobramentos de fenômenos sociais, culturais, políticos e econômicos nas diversas sociedades, justificaram a necessidade de ampliação de fundamentos teórico-conceituais. Isto é, o aprimoramento do conhecimento mostrou-se crucial para a elaboração de novas análises pelo profissional da área.

Nas últimas décadas, a disciplina de RI evoluiu de maneira dinâmica, ampliando e diversificando a sua abrangência, os tipos de temas e as suas bases conceituais. Isso não significa que se tenha abandonado as análises com foco no Estado. Pelo contrário, buscou-se o aperfeiçoamento das ferramentas utilizadas para que também fosse possível aplicá-las à análise de situações não protagonizadas pelo ator estatal. Na medida em que houve a diversificação das lentes conceituais e teóricas aplicadas pelo pesquisador, temas importantes foram contemplados, como os processos de cooperação internacional, o funcionamento de organizações internacionais, as decisões de política externa e as dinâmicas de participação de atores transnacionais na arena global. Deste modo, a ampliação do foco da disciplina, considerando a interação de variados atores dentro e fora das fronteiras do Estado, relevou as complexidades da arena global.

Quando um estudante ingressa no curso de RI nos dias de hoje, espera-se que ele entenda este quadro e consiga adquirir uma visão abrangente de seu objeto de trabalho. Muito embora para muitas universidades a especificidade da disciplina continue a ser o plano exterior, conferindo destaque às relações entre países, é possível notar a expectativa de que o internacionalista também tenha contato com uma visão plural, que contemple a riqueza de abordagens presentes na área. Especificamente, de acordo com o Art. 4º da Minuta de Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Relações Internacionais,

O Curso de Graduação em Relações Internacionais deve possibilitar a formação de egresso que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades relacionadas a concepção, gerenciamento, gestão e organização de atividades com interface internacional: I – Formação geral e humanística que possibilite a compreensão das questões internacionais no seu contexto político, econômico, histórico, geográfico, estratégico, jurídico, cultural e social; II - Base cultural ampla que forneça recursos para uma compreensão adequada de temas internacionais; III - Postura crítica com relação a argumentos, evidências, discursos e interpretações com relação tanto a eventos e processos internacionais quanto a abordagens, teorias e perspectivas em Relações Internacionais; IV – Postura proativa na busca de conhecimentos; V - Domínio das habilidades relativas à efetiva comunicação e expressão oral e escrita em língua portuguesa; VI – Conhecimento ou habilidade de comunicação em língua estrangeira, em especial em língua inglesa; VII - Capacidade de pesquisa, análise, avaliação e formulação de cenários para atuação na esfera internacional; VIII - Capacidade de tomada de decisões; planejamento, condução, análise e avaliação de negociações, e de resolução de problemas numa realidade diversificada e em constante transformação; IX – Capacidade de formular, negociar e executar projetos de cooperação internacional e de captação de recursos externos. (art. 4, Minuta de Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Relações Internacionais)

A questão que se coloca, portanto, é a de como facilitar o alcance destas competências e habilidades com vistas a preparar o internacionalista para enfrentar os desafios de uma área de estudo em constante transformação. As leituras acadêmicas, inegavelmente, pautam os primeiros contatos dos estudantes com as particularidades da disciplina e ajudam a sanar algumas de suas inquietações iniciais. Entretanto, pesquisas sobre recursos de aprendizagem têm reiterado que o ensino das matérias pode ser aprimorado pelo uso de simulações (CARUSON, 2005; CLARK et al., 2017; ENGEL et al., 2017; INOUE, VALENÇA, 2017; SHELLMAN, TURAN, 2006). Ao oferecer ao aluno a possibilidade de aplicar fundamentos teórico-conceituais em situações fictícias, criam-se inúmeras oportunidades para o desenvolvimento de seus estudos e melhor entendimento de suas motivações profissionais (INOUE; VALENÇA, 2017, p. 2).

Dialogando com esses estudos, este artigo tem o objetivo de apresentar a experiência e implicações derivadas da utilização de simulações de eventos internacionais no curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Essa metodologia permite a elaboração de maneiras alternativas para se pensar em uma gama de conceitos e questões, incluindo poder, formação de alianças, intervenção militar, paz e organizações internacionais. Com isso, o artigo se propõe a explorar não apenas os benefícios da aplicação das simulações em cursos de RI, como também compartilhar as percepções dos alunos em

relação ao progresso em sua capacidade de retenção do conhecimento a partir desta estratégia de aprendizado.

Para tanto, o texto é dividido em três partes. Na primeira seção, são apresentados alguns estudos que ressaltam os ganhos obtidos a partir da utilização de simulações em cursos de ensino superior, em particular no campo das Relações Internacionais. Em seguida, apresentam-se a organização e estrutura das simulações desenvolvidas no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Na terceira parte, analisa-se, a partir das respostas obtidas mediante um questionário, como os estudantes da instituição interpretaram os exercícios. Por fim, algumas considerações finais são feitas sobre a temática em questão.

A SIMULAÇÃO COMO METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM ATIVA

Tradicionalmente, nas aulas expositivas, o conhecimento está centrado na imagem de um instrutor. Nesse contexto, o professor apresenta suas ideias e os alunos escutam, geralmente de modo passivo, as informações que lhes são transmitidas. Espera-se, nesse cenário, que os estudantes tomem notas sobre o conhecimento que foi compartilhado para reproduzir as informações durante a avaliação.

Nas últimas décadas, observa-se uma mudança na forma como as universidades e os professores encaram o processo de aprendizagem. Se durante muito tempo houve um enfoque no método tradicional, centrado no professor, atualmente há um esforço para o desenvolvimento de estratégias diversificadas, que envolvam o aluno na construção de seu conhecimento. Em concordância com Brock e Cameron (1999, p. 251), os indivíduos aprendem e processam informações de formas distintas e, portanto, ainda que as aulas expositivas sejam estratégias importantes e necessárias, elas têm se tornado insuficientes. Nesse sentido, as simulações podem ser de grande valia.

As simulações são atividades de metodologia de aprendizado ativo destinadas à melhoria da capacidade de apreensão do conhecimento dos estudantes, bem como de suas qualidades pessoais e habilidades participativas. Na área de RI, os alunos geralmente desempenham o papel de tomadores de decisão e deliberam sobre questões de política internacional, (re)criando situações análogas a acontecimentos internacionais. O emprego deste exercício permite que o aluno enfrente desafios e ofereça soluções diante de contextos variados. Muitas vezes, o recurso é visto como complementar ao conteúdo ministrado em aulas expositivas e dialogadas, um meio de facilitar a construção de conexões entre conceitos e teorias com fenômenos do mundo real.

Por ser tradicionalmente voltada para os assuntos “de fora”, isto é, com o enfoque nos fenômenos que ultrapassam as fronteiras estatais, a disciplina de RI se diferencia de forma marcante do resto das áreas de Ciências Humanas. Por conta das particularidades da área, as matérias introdutórias geralmente apresentam um vocabulário especializado, abrangendo conceitos e teorias a serem aplicados pelo profissional ao longo de sua jornada acadêmica. O termo soberania, por exemplo, ocupa lugar central nos estudos, referindo-se à autoridade máxima de um Estado para decidir sobre seus assuntos domésticos e a sua independência para tomar decisões no sistema internacional. É importante entender que os Estados, unidades soberanas, estão inseridos em um sistema anárquico, outro conceito-chave da disciplina. Isso supõe que não existe nenhuma autoridade suprema, que se coloque acima dos atores estatais e imponha decisões e regras a todos, fazendo com que cada um tenha que lutar por sua própria sobrevivência. Tanto soberania como anarquia são conceitos abstratos, nem sempre fáceis de apreensão para alunos pouco familiarizados com esse repertório.

O uso de simulações tem se tornado popular entre professores que buscam formas dinâmicas de ensino, tanto para ensinar termos complexos, como os supracitados soberania e anarquia, como para ajudar os alunos a entender as grandes transformações observadas na contemporaneidade (ENGEL et al., 2017, p. 171). As relações internacionais não são estáticas, e têm se caracterizado cada vez mais pela interdependência entre os Estados e pelo aumento da importância de atores não estatais. As transformações no que se referem à emergência de novos temas e atores têm se destacado na agenda internacional, colocando em destaque processos como migrações, refúgio, saúde global, democracia, etc. De modo particular, espera-se que os profissionais da área de RI entendam essas dinâmicas, mostrando-se capazes de analisar o papel de diferentes atores (Estados, Organizações Não Governamentais, empresas, entre outros), suas interações e implicações na formulação e implementação de políticas em níveis locais, nacionais e globais.

No tocante à viabilidade da utilização da simulação para atender a essas demandas, estudos mostram que existem técnicas a serem aplicadas para tornar as simulações em uma ferramenta pedagógica útil (CROOKALL, 1995; NEWMANN; TWIGG, 2000). Outros trabalhos defendem que as simulações ajudam a desenvolver certas habilidades necessárias para os profissionais da área. Essa literatura enfatiza que as simulações oferecem meios para que os participantes ganhem mais confiança acerca de seus posicionamentos em negociações e processos políticos (CARUSON, 2005; NEWMANN; TWIGG, 2000). Ainda, trabalhos como o de Clark et al (2017, p. 6) atestam que esse tipo de exercício fomenta o interesse dos

estudantes pelo assunto tratado na simulação, estimulando seu envolvimento com temas de política internacional de forma geral.

No que se refere aos efeitos obtidos a partir do uso de simulações, a literatura revela que o emprego de simulações confere centralidade aos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Essa atividade de metodologia ativa, além de incentivar a autonomia do aluno para pensar e propor soluções para problemas do cotidiano, consegue estimular a oratória e escrita, necessárias para as discussões exigidas pela dinâmica (NEWMANN; TWIGG, 2000). Nesse sentido, o aluno consegue assumir o protagonismo de seu desenvolvimento acadêmico, tendo o professor o papel de garantir a condução das aprendizagens necessárias. Nas simulações, o professor se torna um tutor, responsável pela mediação das discussões no grupo. Logo, são os alunos quem irão prover as respostas.

Durante as dinâmicas, os estudantes também conseguem explorar “suas emoções e sentidos, colocando-se na pele daqueles atores que interpretam” (INOUE; VALENÇA, 2017). Esse tipo de exercício valoriza o espaço onde os estudantes podem aprender a lidar com opiniões contrárias às suas, desenvolvendo a capacidade de reagir de modo adequado a posições divergentes (NEWMANN; TWIGG, 2000). Assim, as experiências vividas a partir da reprodução de funções e situações internacionais despertam sensações que podem modificar as relações dos alunos com seus pares e com o processo de construção de seu conhecimento. Como afirmam Inoue e Valença (2017, p.7).

Ao representarem indivíduos, ou construírem cenários onde decisões e modelos são constituídos, eles proporcionam certo grau de autonomia aos estudantes para decidirem como agir, construindo, assim, seu ambiente de aprendizado. Não há, contudo, a exclusão de leituras, análises e discussão de textos. Apesar desta caracterização mais lúdica, o material de apoio tradicional se torna importante na medida em que fundamenta, justifica e delimita os padrões de atuação e de resposta.

Esta seção buscou apresentar estudos que abordam os efeitos do uso simulação em cursos de ensino superior, ressaltando os benefícios que este exercício oferece aos alunos. No caso específico da disciplina de RI, os estudantes conseguem enfrentar dilemas comuns da prática política, explorando e aperfeiçoando competências necessárias para exercer sua profissão. Ainda, por meio dessa metodologia ativa, espera-se que o estudante adquira uma ideia mais abrangente de seu objeto de trabalho, refinando análises referentes ao que atualmente se entender por “internacional”.

A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA BELAS ARTES

No Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, as simulações foram aplicadas em várias matérias do curso de Relações Internacionais, dentre as quais se destacam para os propósitos deste estudo: Análise de Política Externa, Estratégia e Segurança Internacional e Negociações Internacionais. O exercício, previsto no Plano de Ensino, tinha o propósito central de facilitar o processo de aprendizagem do conteúdo compartilhado em aulas expositivas. Especificamente, as atividades foram preparadas para atingir três metas: compreensão de conceitos e teorias apresentados no curso; elaboração de soluções para problemas complexos; e desenvolvimento de relações interpessoais. Todas as dinâmicas propostas foram supervisionadas e orientadas pela docente responsável pelas disciplinas, de modo a garantir um ambiente propício à reflexão crítica e analítica dos estudantes.

As simulações foram realizadas de 2016 até o primeiro semestre de 2018. Todos os alunos foram convocados a participar, visto que era parte da nota atribuída para cada bimestre. As simulações consistiram na recriação de circunstâncias relativas às políticas doméstica e externa dos Estados, sempre conectadas a eventos mundiais, tais como: crise do míssil de Cuba, negociações do acordo nuclear do Irã, intervenção militar na Líbia, a revolução na Ucrânia e o Zika vírus e o papel das ONGs internacionais. A situação-problema e o cenário foram pensados e desenvolvidos pela professora responsável, com base em textos jornalísticos e acadêmicos. Os grupos, formados por alunos com diferentes níveis de conhecimento, variavam de 3 a 5 alunos, dependendo do tamanho da turma.

Cada simulação funcionou em duas etapas. A primeira etapa refere-se à fase de preparação dos alunos, momento em que eles coletaram e analisaram informações sobre os atores representados (Estados, Organizações Intergovernamentais, Organizações Não Governamentais, empresas, indivíduos, entre outros). O componente de pesquisa foi crucial para o desenvolvimento da atividade, pois permitiu contato prévio dos alunos com a história e particularidades dos atores reproduzidos. Para tanto, os alunos foram estimulados a usar o computador na aquisição e análise de dados.

A título de exemplo, na simulação sobre a intervenção militar na Líbia, os grupos receberam seus “papeis” uma semana antes e foram orientados a estudar o material de apoio disponibilizado pelo professor. Constava, neste material de apoio, informações relacionadas aos protestos que ocorreram na Líbia em 2011, que foram seguidos pelo levante armado por

dissidentes do regime de Muammar Kadafi. Com base no exposto, os alunos tomaram ciência de que a comunidade internacional se manifestou contra as hostilidades e o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) convocou seus membros para decidir acerca da postura a ser adotada. Cada grupo de estudantes representou uma delegação estatal, membro permanente do CSNU. Após receberem a instrução de qual país iriam representar (Estados Unidos, China, Rússia, França e Grã-Bretanha), os alunos ficaram encarregados de pesquisar sobre as particularidades de sua delegação (histórico de votos no Conselho de Segurança, tom dos discursos apresentados, interesses na situação da Líbia, etc).

A segunda etapa consistiu na simulação propriamente dita. Nesse momento, os alunos foram instruídos a aplicar conceitos e teorias na construção de seu posicionamento diante do “problema” apresentado. Em todas as simulações aplicadas, a problemática foi entregue antes no início da aula, explicitando o assunto a ser debatido e o número de “rodadas” que os alunos deveriam cumprir para finalizar o exercício. A professora ficou responsável pela condução das dinâmicas, conferindo o espaço de fala a um representante de cada grupo por rodada. Além disso, a professora fez pequenas intervenções quando necessário, indagando, por exemplo, sobre conceitos importantes e sua relação com os posicionamentos dos jogadores.

No caso específico da simulação sobre a Líbia, os alunos ficaram encarregados de decidir sobre a viabilidade de uma intervenção militar. Os participantes foram orientados a tomar decisões levando em consideração não apenas os constrangimentos domésticos e institucionais, como também a conjuntura internacional. Para os propósitos do exercício, eles assumiram o posicionamento da sua delegação e agiram de acordo com os protocolos diplomáticos do Conselho de Segurança em quatro rodadas.

No primeiro instante, os grupos apresentaram sua posição em relação à derrubada do regime de Muammar Kadafi e a possibilidade de um país ou organização assumir controle territorial e político sobre a Líbia. Os alunos, nesse contexto, precisavam sobre a viabilidade de uma intervenção militar e como justificá-la perante a comunidade internacional. Na segunda rodada, o objetivo era o de familiarizar os alunos com os dilemas de tomada de decisões, muitas vezes pautada por interesses nacionais específicos. Uma vez que o resultado da primeira rodada foi a favor da intervenção militar, os grupos foram orientados a se pronunciar sobre a natureza dessa ação. Para tanto, os grupos dialogaram com vistas a refletir sobre quais eram as iniciativas viáveis diante dos constrangimentos existentes. Foram instruídos, ainda, a deliberar sobre aspectos importantes da intervenção, como o financiamento e a logística operacional. A terceira rodada foi dedicada à votação dos membros permanentes do CSNU. Por fim, no último

momento do exercício, os grupos redigiram uma resolução, justificando a necessidade do emprego da força militar neste caso.

É importante frisar que os casos foram elaborados com o intuito de recriar processos complexos de tomada de decisões. Tendo em mente os objetivos de cada ator, bem como a disponibilidade de recursos, os grupos optaram por agir de formas diferentes em relação ao problema apresentado.

A literatura sobre metodologia ativa enfatiza que atividades interativas e centradas no aluno melhoram os resultados da aprendizagem, aprimorando o processamento cognitivo dos alunos e promovendo sua capacidade de identificar ligações entre distintos conceitos (OMELICHEVA; AVDEYEVA, 2008). Nos exercícios de simulação aplicados na Belas Artes, os alunos produziram análises de estratégia, defesa e política externa, tentando estabelecer conexões entre a abstração teórica e a prática política. Os estudantes foram instigados a experimentar, adaptar e alterar estratégias e táticas durante a dinâmica, considerando os constrangimentos existentes e as consequências de suas decisões. Ao serem expostos a situações complexas, eles refletiram sobre as suas escolhas e conseqüentes implicações.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Um questionário, contendo 12 perguntas relacionadas aos exercícios de simulação, foi elaborado para avaliar as percepções dos participantes, com um total de 27 respostas. As perguntas feitas aos alunos foram desenvolvidas com base no estudo de Shellman e Turan (2006, p. 6), que utilizaram o mesmo método para avaliar se a prática de simulação melhora o conhecimento dos alunos sobre relações internacionais. Conforme observado na Tabela I, o aluno foi solicitado a ranquear de uma escala de 05 (alto) e 01 (baixo), a utilidade das simulações para ampliar seu conhecimento teórico-conceitual sobre o campo de RI. O objetivo desse levantamento era o de entender como os participantes interpretaram as atividades empregadas em sala de aula, particularmente como eles percebem os processos de assimilação de conceitos, teorias e processos próprios da RI por meio do uso de simulações.

Tabela I. Perguntas relacionadas às simulações aplicadas aos estudantes de Relações Internacionais do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

PERGUNTAS	5	4	3	2	1
De uma escala de 1 (baixo) a 5 (alto), o quanto a simulação melhorou seu conhecimento sobre a disciplina de Relações Internacionais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

De uma escala de 1 (baixo) a 5 (alto), o quanto a simulação melhorou seu conhecimento sobre teorias das Relações Internacionais, indo além das leituras e discussões em sala de aula?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
De uma escala de 1 (baixo) a 5 (alto), o quanto a simulação melhorou seu conhecimento sobre conceitos das Relações Internacionais, indo além das leituras e discussões em sala de aula?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
De uma escala de 1 (baixo) a 5 (alto), o quanto a simulação melhorou seu conhecimento sobre organizações internacionais e seus processos, indo além das leituras e discussões em sala de aula?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
De uma escala de 1 (baixo) a 5 (alto), o quanto a simulação (e seu preparo prévio) melhorou seu conhecimento sobre o país ou organização que você representava (economia; governo; situação política; políticas)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
De uma escala de 1 (baixo) a 5 (alto), o quanto a simulação melhorou/desenvolveu suas habilidades de reflexão analíticas e críticas (capacidade de solução de problemas, habilidades de negociação, criatividade, etc?)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
De uma escala de 1 (baixo) a 5 (alto), o quanto você gostou da atividade de simulação?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
De uma escala de 1 (baixo) a 5 (alto), o quanto a tecnologia (vídeos, relatórios da mídia, etc) melhorou sua experiência com a atividade de simulação?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Você gostou da atividade de simulação?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Avalie o exercício de simulação comparado a outras atividades que você desenvolve em sua faculdade a partir de uma escala de 1 a 5, sendo 5 a melhor atividade e 1 a pior.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Você recomendaria a utilização da simulação como uma ferramenta de aprendizagem importante em outras disciplinas?	Eu não recomendo o uso da simulação em outras disciplinas	Eu recomendo o uso da simulação em cursos futuros	Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros		
Você pensou em mudar de curso após participar de atividades envolvendo simulações?	Sim	Não			

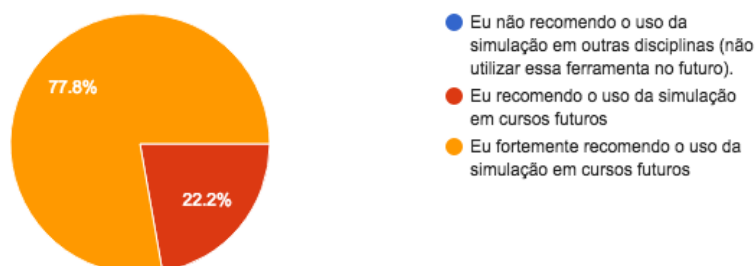
Fonte: Elaboração própria com base em Shellman e Turan (2006, p. 6)

Um dos principais ganhos alcançados pelo emprego desta metodologia, segundo o questionário, foi a percepção de que esse tipo de atividade deve ser aplicada em outras matérias do curso de RI da Belas Artes. Com esse feedback, é possível inferir que os alunos valorizam a oportunidade de trabalhar com práticas de metodologia ativa. No que se refere ao conteúdo ministrado, boa parte dos alunos apontaram que as atividades de simulação foram ferramentas

úteis. Do total de 27 respostas, 21 alunos atribuíram nota máxima para o desenvolvimento da atividade de simulação e todos recomendaram o seu uso em cursos futuros, como ilustra a figura abaixo.

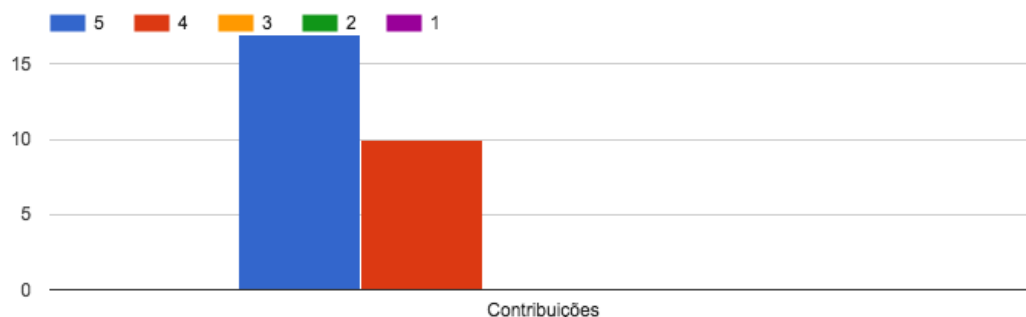
Você recomendaria a utilização da simulação como uma ferramenta de aprendizagem importante em outras disciplinas?

27 responses



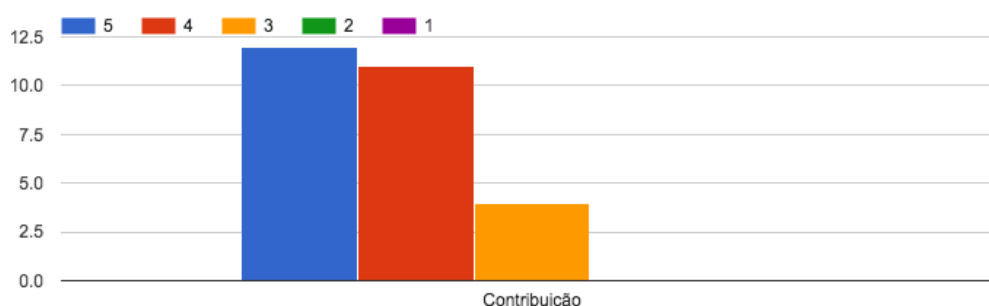
Do ponto de vista pedagógico, o questionário aponta que o exercício de simulação é compreendido pelos estudantes como um caminho de aprendizagem, uma atividade consciente de construção do conhecimento. Na tentativa de subsidiar a solução de problemas do mundo real, a simulação trabalha com experiências próximas ao que os alunos vão encontrar em suas vidas profissionais. Por isso, essa metodologia ajuda a combinar teoria e prática e dessa articulação é possível proporcionar ao aluno uma visão mais apurada da cena internacional. Para a maioria dos estudantes, como visto abaixo, a simulação facilitou o processo de apreensão de conhecimento sobre a disciplina de Relações Internacionais, principalmente sobre particularidades de países ou organizações, como economia, governo e situação política.

Quanto a simulação (e seu preparo prévio) melhorou seu conhecimento sobre o país ou organização que você representava?

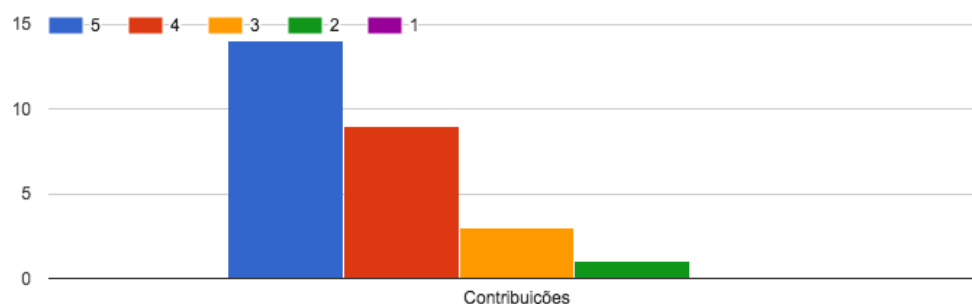


Interessante frisar que um dos pontos principais da aplicação desta atividade é a de permitir que os estudantes tenham a oportunidade de aplicar conceitos e teorias em situações recorrentes da área de RI. O arcabouço teórico-conceitual da disciplina, encontrado em livros e artigos acadêmicos, nem sempre é de fácil assimilação. Ainda, é importante enfatizar que muitos alunos não respondem de forma satisfatória às abordagens convencionais, enfrentando dificuldades para estabelecer conexões entre abstrações teóricas e o mundo real apenas por meio de aulas expositivas. Portanto, as simulações oferecem aos alunos novas possibilidades de compreensão dos eventos internacionais, desenvolvendo sua capacidade de aplicação de conhecimentos em situações próximas ao que acontece no dia a dia, observação reforçada pelos gráficos abaixo.

A simulação melhorou seu conhecimento sobre teorias das Relações Internacionais?



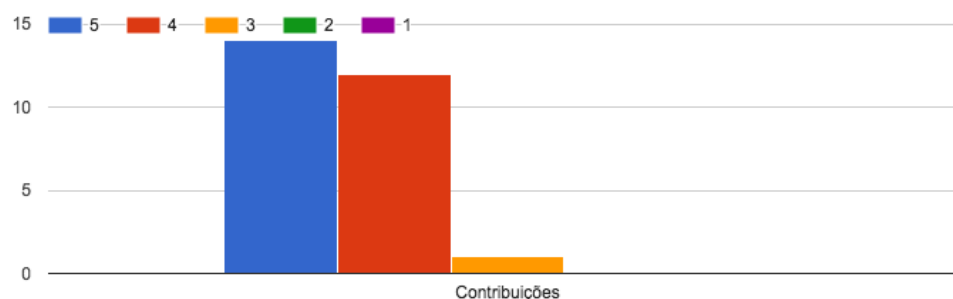
A simulação melhorou seu conhecimento sobre conceitos das Relações Internacionais?



Com base nas respostas dos alunos e na avaliação feita durante as dinâmicas, é possível concluir que por meio das simulações os alunos entendem que teorias e conceitos são mais do que simples abstrações. No caso da disciplina de RI, são ferramentas que os ajudam a entender as dificuldades de cooperar dentro da anarquia, bem como a importância da comunicação entre diferentes atores. Ao participar ativamente das negociações, os estudantes tornam-se capazes de perceber de forma mais completa o ambiente estratégico no qual estão inseridos.

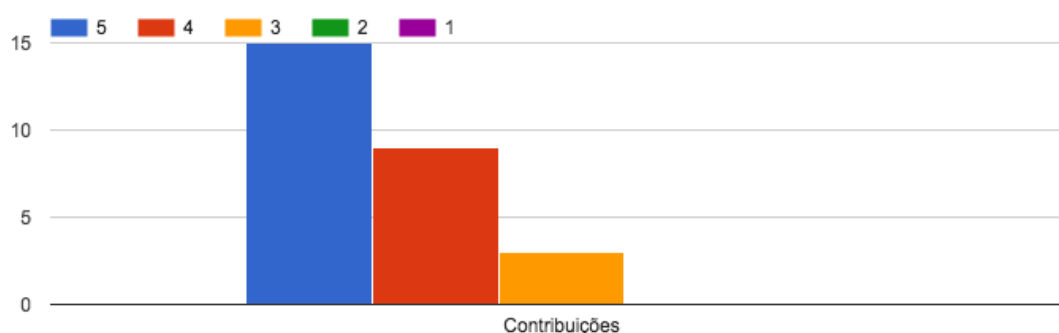
Ainda, ao incluir organizações na simulação, e não apenas Estados, os estudantes aprendem como os constrangimentos organizacionais, a exemplo de regras e cultura, devem ser considerados para prever ou reagir à determinada ação. A reflexão sobre as decisões a serem tomadas por instituições internacionais, nesse sentido, permite ao aluno pensar sobre o problema sendo debatido, bem como reformular suas concepções mediante às estratégias de outros participantes, sejam Estados ou não.

A simulação melhorou seu conhecimento sobre organizações internacionais e seus processos?



De modo geral, os alunos entendem que o envolvimento em simulações traz benefícios, proporcionando o treino de habilidades de tomada de decisão na solução de problemas complexos, competência considerada primordial para um internacionalista. A encenação de situações revela uma variedade de jogos, bem como a manipulação de informações pelos participantes. Nessas dinâmicas, os alunos são levados a questionar concepções previamente tidas como fixas, aprimorando sua visão crítica e tornando-se mais conscientes sobre as implicações e limitações de suas decisões.

A simulação melhorou suas habilidades de reflexão analíticas e críticas (capacidade de solução de problemas, negociação, criatividade?)



Por fim, além de permitir que os estudantes relacionem o conhecimento de livros e artigos com desafios do mundo real, a atividade também funcionou como um dispositivo de acompanhamento da evolução dos alunos. Mediante à recriação de processos complexos, o professor conseguiu avaliar como os alunos aplicam conceitos e teorias na prática, podendo

notar o desenvolvimento do pensamento crítico e analítico. Nessas oportunidades, buscou-se uma harmonização no conhecimento do vocabulário básico das RI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências e resultados do uso de simulações no curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo reforçam pesquisas anteriores que atestam os benefícios relacionadas ao emprego desta metodologia nos cursos de ensino superior. As referências acadêmicas utilizadas permitem um melhor conhecimento das potencialidades inerentes à utilização desta estratégia de ensino, contribuindo para fomentar a discussão sobre metodologias ativas – ainda pouco explorada – no campo de RI.

Neste texto, buscou-se pontuar a importância que este método adquire para os participantes. Partir das concepções dos estudantes é uma forma de compreender como eles interpretam a evolução na aprendizagem de temas de relações internacionais por meio das simulações. O principal ganho para os envolvidos, como mencionado, refere-se à articulação entre conceitos abstratos e a prática política. Por meio do questionário, foi possível notar o interesse dos alunos pela utilização deste exercício em outros cursos da área. Além disso, os estudantes sinalizaram que suas habilidades e competências para lidar com as demandas da profissão foram aperfeiçoadas durante os exercícios. Essas observações indicam a possibilidade de complementar as aulas expositivas com exercícios dinâmicos, em particular as simulações, visto como um caminho relevante de aproximação do estudante ao mundo prático.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS. Minuta de Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Relações Internacionais. Disponível em: <https://www.abri.org.br/informativo/view?TIPO=13&ID_INFORMATIVO=139>. Acesso em: 30 jul. 2018.

BROCK, Kathy L.; CAMERON, Beverly J. “Enlivening Science Courses with Kolb’s Learning Preference Model.” **PS: Political Science and Politics**, 32: 251–256, 1999.

CARUSON, Kiki. “So, You Want to Run for Elected Office? How to Engage Students in the Campaign Process Without Leaving the Classroom.” **PS: Political Science and Politics**, 38(April): 305–310, 2005.

CLARK, N.; VAN DYKE, G.; LOEDEL, P.; SCHERPEREEL, J.; SOBISCH, A.

“EU simulations and engagement: Motivating greater interest in European Union politics”, **Journal of Political Science Education**, 13(2), 152-170, 2017.

CROOKALL, David. “A Guide to the Literature of Simulation/Gaming.” In: CROOKALL, David; ARAI, Karen (ed). **Simulation and Gaming across Disciplines and Cultures: ISAGA at a Watershed**. Thousand Oaks: Sage, 1995, p. 151-177.

ENGEL, S.; PALLAS, J.; LAMBERT, S. “Model United Nations and Deep Learning: Theoretical and Professional Learning”, **Journal of Political Science Education** 13.2, 171-184, 2017.

INOUE, C.; VALENÇA, M. “Contribuições Do Aprendizado Ativo Ao Estudo Das Relações Internacionais Nas Universidades Brasileiras”. **Meridiano 47 - Journal of Global Studies** 18 (1), 2017.

NEWMANN, William W.; TWIGG, Judyth L. “Active Engagement of the Intro IR Student: A Simulation Approach.” **PS: Political Science and Politics**, v. 33, Dezembro, 2000, p. 835-42.

OMELICHEVA, M. Y.; AVDEYEVA, O. “Teaching with Lecture or Debate? Testing the Effectiveness of Traditional versus Active Learning Methods of Instruction.” **PS: Political Science & Politics** 41 (3): 603–7, 2008.

ANEXO

Tabela II. Respostas do questionário sobre o uso das simulações no curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

Q.1, Q.2, Q.3, Q.4, Q.5, Q.6, Q.7, Q.8, Q.9, Q. 10, Q.11, Q.12
"4","4","4","4","4","3","5","4","5","5","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"5","4","3","4","4","5","5","5","5","5","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"5","5","5","5","5","5","5","5","5","5","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"4","5","5","4","4","4","5","5","5","4","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"4","4","4","5","5","5","4","5","5","5","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"4","5","5","5","4","4","5","5","5","4","Eu recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"4","4","3","5","5","5","4","5","4","Eu recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"4","5","5","5","4","3","5","5","5","4","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"5","4","5","4","5","4","5","4","5","5","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"4","5","3","5","5","3","4","5","4","4","Eu recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"5","5","4","4","5","5","4","3","5","4","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"4","5","5","5","5","5","4","5","5","4","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"3","3","2","4","4","4","5","4","3","3","Eu recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"5","5","5","5","5","5","5","5","5","5","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"5","5","5","5","5","5","5","4","5","5","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"4","4","4","5","5","5","5","4","5","5","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"5","5","5","5","5","5","5","5","5","5","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"

"5","4","5","5","5","5","5","5","5","5","5","5","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"3","3","4","4","4","4","1","3","1","2","Eu recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"4","5","5","4","4","5","5","5","5","5","5","5","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"5","5","5","5","5","5","5","5","5","5","5","5","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"4","3","4","4","4","4","5","3","5","4","Eu recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"4","3","5","4","5","5","5","5","5","4","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"5","4","4","4","5","4","5","5","5","5","5","5","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"5","4","4","4","5","4","5","5","5","5","5","5","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"4","4","4","3","4","4","3","4","4","4","4","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"
"4","4","5","5","5","5","5","4","5","4","Eu fortemente recomendo o uso da simulação em cursos futuros","Não"

Fonte: Elaboração própria.